



A performance artística como expressão para corpos marginalizados em questão de gênero: o caso de Ana Mendieta

Bolsista PIBIC: Ana Lúcia Alves Lucchese
Sob orientação da Profª Drª Sylvia Furegatti

I) Apresentação

A pesquisa analisa os recursos e desdobramentos do uso da performance na obra de Ana Mendieta como expressão para um corpo marginalizado em questão de gênero - vivente em bordas ou margens das fronteiras intelectuais, sociais, territoriais. O corpo, peça chave para essa linguagem artística, é o principal diferenciador de gênero e raça, categorias que operam a partir das percepções sociais, fato que traz consigo implicações diretas para as artes. Sob ponto de vista do feminismo descolonial e decolonial, é possível discutir como tais relações de poder se desdobram criticamente dentro do processo artístico na contemporaneidade, seja pela incorporação da própria artista na performance ou de elementos poéticos em seus trabalhos, seja pelo discurso politizado da artista.

II) Metodologia

- a) Levantamento bibliográfico online¹ e visita a bibliotecas²;
- b) Entrevista com a Profª Drª Genevieve Hyacinthe, cuja tese de doutorado *Radical Virtuosity* (2019) aborda o trabalho de Ana Mendieta pelo viés conceitual de Atlântico Negro, obra de grande relevância publicada por Paul Gilroy em 2001, em que o autor utiliza o conceito de diáspora negra, responsável por uma contracultura e construção de identidades negras. A entrevista foi realizada após trocas de e-mail durante o período de maio, junho e julho de 2020. Todas respostas foram recebidas entre 08 e 09 de julho de 2020.

III) Discussão

*Dor de Cuba / corpo eu sou / minha orfandade eu vivo // Em Cuba quando você morre / a terra que nos cobre / fala. // Mas aqui, / coberta pela terra da qual sou prisioneira / eu sinto a morte palpitando por baixo / da terra. // Então, / enquanto meu corpo inteiro é preenchido por vontade de [estar em] Cuba / eu sigo em frente para fazer meu trabalho [de arte] sobre a terra, / seguir em frente é uma vitória.*³ (MENDIETA, 1981)

¹ Nas plataformas Scielo, CNPq, Dedalus Usp, Sibus Unicamp

² Lourival Gomes Machado (MAC USP), Biblioteca da Escola de Comunicação e Artes da USP, Biblioteca do Instituto de Artes da UNICAMP, Biblioteca Octávio Ianni (UNICAMP) e Biblioteca Central Cesar Lattes (UNICAMP);

³ Pain of Cuba / body I am / my orphanhood I live // In Cuba when you die / the earth that covers us / speaks. // But here, / covered by the earth whose prisoner I am / I feel death palpitating underneath / the earth. // And so, / As my whole body is filled with want of Cuba / I go on to make my work upon the earth, / to go on is victory. Poema escrito por Ana Mendieta, tradução minha. Nancy Spero, "Tracing Ana Mendieta," Artforum (April 1992), p. 75. In CABAÑAS, 1999.

A sensação de não pertencimento prenuncia de certa forma uma busca por identidade ou reafirmação de outridade para a artista visual cubana Ana Mendieta (1948-1985). O acontecimento de seu exílio político no ano de 1961 (BLOCKER, 1999), quando foi enviada pela família para os Estados Unidos por motivos de perseguição, deslocou seu corpo ao espaço de outridade relacional à branquitude, as bordas ou margens. Diante as consequências subjetivas do deslocamento, que podem ser observados nos escritos da artista, a crítica de arte em torno de Ana Mendieta comumente descreve sua vida e obra sob um olhar romantizado ou penoso, apesar de todo discurso ativo da artista. Quando a produção artística de uma pessoa socialmente marginalizada pode ser vista como produto único e direto de sua vivência em opressão, desconsidera-se sua expressão como ferramenta de posicionamento e imaginação de novas realidades.

Para Bell Hooks (2020) e Gloria Anzaldúa (2014), o corpo vivente em bordas encontra no espaço da marginalidade também um lugar de resistência, fato que exprime a necessidade de um novo entendimento para este local, que vá além da característica de sofrimento violência, como se fosse simplesmente passividade, mas que reconheça a força que surge das possibilidades presentes nas margens. Por isso, a presente pesquisa optou por discutir o trabalho de Ana Mendieta a partir de seus discursos ativos, desde suas falas públicas ou escritos, como em sua própria obra, nas suas escolhas estéticas, materiais, processuais, narrativas. Em se tratando da performance nas artes, o papel de destaque à figura corporal evidencia a necessidade de se discutir os possíveis significados e significantes que tal figura protagoniza por meio dos recursos expressivos performáticos. O corpo aqui é uma metonímia para a figura das artistas, que permite colocar em foco a ferramenta principal de trabalho em performance, ao mesmo tempo em que é a representação material que permite tais sistemas opressores escolherem de forma relacional ao homem branco, figura ideal, a pessoa a ser oprimida colocada como “outra”.

O discurso do corpo, presente até o final da carreira de Ana Mendieta, é representado por diversas formas como na reprodução da sua própria silhueta ou do arquétipo de divindades iorubá e indígenas. Essas estruturas visuais aparecem desde a série *Siluetas* (1973-1985), onde o arquétipo da deusa é representado na maior parte das vezes com braços arqueados, abertos em direção ao céu. Aos poucos, a artista opta pelas figuras de contorno físico sem os braços, como em *Ceiba Fetish* (1981), até as imagens de divindades indígenas em diferentes formas de representação como em *Itiba Cahuaba* (1981), a “Deusa de Sangue”, feita na parede da *Cueva del Aguila* no Parque Jaruco durante uma visita à Cuba com a turma de Arte Primitiva, que faz parte da série *Esculturas Rupestres*. Em todos seus trabalhos, a artista busca se aproximar de características culturais de Cuba, segundo declarações⁴ dela mesma.

Ao se apropriar estética e poeticamente de elementos que não são apenas religiosos, mas que se referem a uma visão de mundo ou uma forma de se vivenciar a existência, Ana Mendieta aproxima-se das memórias afetivas de Cuba, fato que pode ser entendido como parte da “busca, questionamento” (MENDIETA, 1980) sobre sua própria identidade. Esse ato, consciente ou não, de se colocar esteticamente em referência à

⁴ Foi provavelmente durante minha infância em Cuba que fiquei pela primeira vez fascinada pela arte e cultura primitivas. Parece que essas culturas são providas de um conhecimento interior, uma proximidade dos recursos da natureza. E é esse conhecimento que dá realidade às imagens que eles criaram. MENDIETA, 1977 in BLOCKER, 1999. Tradução minha.

cultura afro cubana, uma cultura vista socialmente sob olhar de racismo e intolerância, é um ato de resistência dentro do contexto histórico social em que Ana Mendieta se coloca nos Estados Unidos. Essa é a presença nas artes como “Outra”, uma estética desde as margens que é também defendida por Bell Hooks:

Foi essa marginalidade que considerei como um lugar central para a produção de um discurso contra-hegemônico (...) Assim, eu não estava falando de uma marginalidade que alguém quisesse perder — da qual quisesse se livrar ou se afastar à medida que se aproximasse do centro —, mas sim de um lugar onde se fica, e até mesmo ao qual se apegam, por alimentar a sua capacidade de resistência. Essa marginalidade oferece a uma pessoa a possibilidade de ter uma perspectiva radical a partir da qual possa ver e criar, imaginar alternativas, novos mundos. (HOOKS, 2020, pp. 215-216)

A possibilidade de criar a partir das margens descrita por Hooks (2020) denota uma resposta contra-hegemônica, insurgente, alternativa que contribui para a construção de imaginários outros àqueles produzidos pela cultura hegemônica, cujas narrativas simbolizam seu poderio. Deste modo, essa resposta contra-hegemônica pode ser concebida “como uma ação política, uma práxis estético-política, particularmente na área das artes, que permitirá a construção de imaginários sociais alternativos, divergentes e resistentes” (LORIA, 2017, p. 93). Quando se fala em embate ou ato político, comumente imagina-se uma ação literal como ir às ruas fazer manifestações. O conceito de contranarrativa como práxis estética nos permite observar com maior aprofundamento trabalhos como as silhuetas de Ana Mendieta, pois que tal conceito propõe qualquer ação em razão à amplitude de ações que podem ser categorizadas como não hegemônicas. A própria presença de narrativas da *Santería*, por exemplo, já denota uma contranarrativa.

Propõe-se, portanto, que se discuta a presença das contranarrativas como recurso expressivo para artistas como Ana Mendieta, que provém das margens, capaz de “ver e criar, imaginar alternativas, novos mundos” (HOOKS, 2020). Assim como Mbembe (2014) apresenta a Ética do Passante como proposta para imaginação de novos mundos e ação pela subversividade, Bell Hooks (2020) também defende a potência do local da marginalidade. Se o corpo das artistas marginalizadas aparece em seus trabalhos, mesmo que por meio da performatividade como visto aqui no caso de Mendieta, pode-se discutir o entendimento desse corpo também como potência. A proposta desta pesquisa vai em concordância a esses pensamentos, busca se desvencilhar da análise romantizada desse processo da artista e, ainda que concorde com o fato de que tal visão romântica é herança da forma de se pensar em arte e, juntamente a José Estebán Muñoz (2011) defende o reconhecimento das ferramentas de linguagem artística, poética e formais como possibilidade de resistência através da vida ao invés de protagonismo da morte ou violência.

IV) Considerações finais

Em conjunto à Jane Blocker (1999), Kaira Cabañas (1999), José Esteban Muñoz (2011) e Genevieve Hyacinthe (2019), a presente pesquisa pôde observar o caráter inovador e subversivo de Ana Mendieta nas artes. Os estudos apontam para, dentre outras questões, a importância das contranarrativas presentes no trabalho da artista como ferramenta poético-expressiva que, como dito anteriormente, surge tanto em discursos poéticos ou públicos, através dos processos que envolvem coleta e pesquisa, dos materiais e locais selecionados para o fazer artístico, ou mesmo pela própria presença de seu corpo “estranho” à sociedade estadunidense, como a própria diz, de hegemonia

patriarcal e branca. É necessário que se desconstrua a amálgama construída pelo patriarcado em conjunto às instâncias coloniais de poder que reduz a pessoa oprimida, junto de toda sua produção artístico-intelectual, a um simples resultado dos processos de violência simbólica ou física, pois essa visão reducionista desumaniza e restringe possibilidades de se colocar artisticamente, de imaginar futuros ou criar alternativas. Abrir caminhos para o discurso artístico da mulher marginalizada o que resiste radicalmente como potência de vida, não como um resultado. A resistência como o simples fato de existir e a possibilidade de existir. “Seguir em frente é uma vitória.”(MENDIETA, 1981 in CABAÑAS, 1999)

V) Referências

- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987. in: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro, 2005.
- BLOCKER, Jane; MENDIETA, Ana. *Where is Ana Mendieta?: Identity, performativity, and exile*. Duke University Press, 1999.
- CABAÑAS, Kaira M. Ana Mendieta: "Pain of Cuba, Body I Am". *Woman's Art Journal*, v. 20, n. 1, p. 12-17, 1999.
- HOOKS, bell. *Anseios: Raça, gênero e políticas culturais. A margem como um espaço de abertura radical* (pp.209-220). Editora Elefante. Edição Kindle. 2019
- HYACINTHE, Genevieve. *Radical Virtuosity: Ana Mendieta and the Black Atlantic*. MIT Press, 2019.
- LORIA, Luana et al. *Manifestações artísticas como contra-narrativas: estudos de casos das periferias do Rio de Janeiro e de Lisboa*. 2017.
- MBEMBE, Achille. *A Crítica da Razão Negra*. Portugal: Antígona, 2014.
- MENDIETA, Ana. *Dialectics of isolation: An exhibition of Third World women artists of the United States*. New York, NY: AIR Gallery, 1980.
- MUÑOZ, José Esteban. *Vitalism's after-burn: The sense of Ana Mendieta*. *Women & Performance: a journal of feminist theory*, v. 21, n. 2, p. 191-198, 2011.